

TRAGÉDIA. PEDRÓGÃO GRANDE. (17.06.17). Hoje sabemos mais sobre este fogo do que sobre qualquer outro: 64 pessoas perderam a vida, 9 das quais eram crianças e mais de 250 pessoas ficaram feridas, 7 em estado grave. 819 pessoas receberam “apoio psicológico” na sequência destes incêndios. Houve 500 casas afetadas pelos incêndios e 40 empresas, duas das quais terão de fechar, o que afetou 350 trabalhadores ... Uma Tragédia!

a Poesia diante da Tragédia: É diante da tragédia que mais do que nunca ficamos carentes de sonho, de esperança, de beleza, de poesia!

Deixo-vos hoje um poema do meu livro "*Poesis*", na busca desse pequeno nada, que sempre nos faz continuar a acreditar, que a vida vale a pena.

O SILÊNCIO

No princípio era
o silêncio
onde o nada se dizia
embora o fragor
imenso
que no cosmos se movia
No princípio era
o nada
onde só nada existia
a transgredir
o negrume
mudando a noite em dia
Foi o início a poesia

Maria Teresa Horta
("*Poesis*" - 2017 -)



incêndios florestais, causas e consequências

Há notícias de incêndios florestais em Portugal desde o século XII, mas não eram devastadores, apesar de nessa altura não termos corporações de bombeiros, nem os meios atuais para os combater. Nessa altura, a nossa floresta natural, que designamos genericamente por carvalho, era dominada por “folhosas” (árvores de folha caduca), não sempre-verdes e resinosas, como os pinheiros, nem sempre-verdes e ricas em óleos essenciais, como os eucaliptos. Como é do conhecimento geral as resinas e essências são altamente inflamáveis. Por isso, arde mais rápida e facilmente um pinhal ou um eucaliptal do que um carvalho.

Das causas que mais contribuíram para o derrube da nossa floresta autóctone, foram os descobrimentos e respetiva expansão, pois eram necessários entre dois mil a quatro mil carvalhos para construir uma nau. A frota da “Campanha de Ceuta” foi composta por duzentas a trezentas naus, para a rota do comércio da Índia construíram-se setecentas a oitocentas naus e para a ocupação do Brasil cerca de quinhentas. Portanto, durante essa época, foram derrubados mais de cinco milhões de carvalhos. Mais tarde, a instalação da rede ferroviária, que exigiu enorme quantidade de lenha para as máquinas e travessas de carvalho para assento dos carris, e a intensa pastorícia também constituíram relevantes contributos para o desaparecimento da nossa floresta natural.

Na segunda metade do século XIX foram criados os Serviços Florestais, para arborizar as nossas montanhas, praticamente desarborizadas. Deu-se, então, início a uma floresta de produção mono-específica com o pinheiro-bravo. Hoje sabemos que não devíamos ter “pinheirado” desta maneira monótona as nossas montanhas. Mas, em pleno século XX, já com a nossa enorme área de pinhal contínuo, quando havia fogos florestais, eles não tinham as características devastadoras dos atuais. Isto porque as nossas montanhas estavam humanizadas não só pelo pessoal dos Serviços Florestais, como também pelo povo que permanecia na zona do pinhal, pois o pinhal dava-lhe o “mato” para a cama do gado, matéria combustível, madeira e resina. Desta maneira, os fogos florestais eram debelados logo no início, pois o pessoal florestal e o povo estavam nas proximidades da deflagração do sinistro. Além disso, os Serviços Florestais estavam também apetrechados com maquinaria e tecnologia suficientes para debelarem os fogos florestais e os guardas-florestais, que viviam na floresta, conheciam-na muitíssimo bem. Havia incêndios, mas nunca tão devastadores e catastróficos como os atuais.

A desumanização das nossas montanhas teve várias causas. Uma, foi a maneira como se deixou eucaliptar o país. Repetimos o que já tínhamos feito com o pinheiro, mas com a gravidade de agora todos saberem que isso não se devia fazer. Como já dissemos, os eucaliptais, tal como os pinhais (resinosos), também ardem melhor que as

florestas de folhosas, por produzirem essências. Com o eucaliptal contínuo contribuiu-se estrondosamente para a desumanização das nossas montanhas. Com o pinhal, a população rural estava lá, para colher a resina, para cortar o mato, para apanhar as pinhas e lenha e para cortar um pinheiro. Como os eucaliptos servem quase exclusivamente para a indústria de celulose e como só dá cortes de dez em dez anos, a população não fica no monte durante dez anos a olhar para uma árvore à espera que ela cresça: vem-se embora e vai lá só de dez em dez anos para o corte.

Além do grande contributo que o eucaliptal deu para a desumanização do nosso meio rural, houve ainda mais fatores que contribuíram para isso.



Um, foi o delapidar dos Serviços Florestais pelos sucessivos governos, desde 1975. Diminuíram drasticamente o número de guardas-florestais e de técnicos florestais, degradando, simultaneamente, não só o património construído (abandono das casas florestais da montanha, com milhões de euros de prejuízo), como também o património tecnológico desses serviços, que deixou de ser funcional. Assim, além do povo, as nossas montanhas deixaram de ter guardas e técnicos florestais, que com a sua tecnologia e experiência ajudavam a apagar, de imediato, os incêndios no seu início, pois conheciam muitíssimo bem a floresta e a montanha. Não é com voluntários que se combatem adequadamente incêndios florestais. Tenho muita consideração por todo o voluntário, mas os profissionais têm de estar sempre presentes em qualquer agremiação voluntária. Não se deve escamotear a verdade. Não me recordo de mortes de guardas e técnicos florestais em incêndios florestais. Este ano já morreram vários bombeiros voluntários e arderam várias viaturas de voluntários. Infelizmente, isto são factos e não mentiras.

Finalmente, outro fator que contribuiu para a desumanização rural foi a drástica mudança nos processos de agricultura e melhores condições de vida. Antigamente, a charrua era puxada por animais. Esses animais, no Inverno, ficando nas cortes por baixo das moradias, ajudavam a aquecer as casas. Por outro lado, era necessário roçar o mato dos pinhais para a cama do gado, apanhar pinhas e lenha para combustível, mantendo-se os pinhais mais limpos de material incandescente. Os animais foram substituídos pelos tratores ou outros veículos e as moradias passaram a ser aquecidas com gás ou eletricidade. Além disso a resina deixou de ser rendível e o resinheiro, uma presença florestal vigilante e dissuasora, quase desapareceu. Nas matas nacionais, também passou a haver acumulação de material lenhoso inflamável, por falta de capacidade pessoal, técnica e económica dos Serviços Florestais.

O resultado de tudo isto não foi apenas a desumanização, foi também a acumulação de material lenhoso altamente inflamável (resinoso ou com essências) nas florestas de produção (pinhais e eucaliptais), que foram plantadas, praticamente, sem regra. Assim, não só se tornou mais fácil a deflagração de um incêndio, como também se propaga muito mais velozmente pela acumulação de material inflamável e pela falta de vigilância humana próxima, que era feita pelos Serviços Florestais e pela população rural.

Como toda a gente sabe, os incêndios florestais no nosso país são praticamente todos resultantes de ações humanas, por descuido, vingança, piromania e, valha a verdade, por interesses inconfessáveis. Considero que os noticiários das televisões, com as figuras dos locutores tendo como “pano de fundo” imagens dos incêndios durante todo o noticiário, incentiva os pirómanos. É de todos conhecida a “estranheza” da maioria dos incêndios se iniciarem durante a noite e quase simultaneamente em vários locais. Toda a gente sabe que, quando se noticia um suicídio, não se devem mostrar imagens, pois estas constituem um fator precipitador de suicídios em doentes mentais com tendência suicida.



Além de terem acabado com os Serviços Florestais, “obrigaram” o povo a abandonar os montes por estarem eucaliptados. Correia da Cunha bem demonstrou que Portugal estava a ficar demograficamente desequilibrado, mas os políticos não o quiseram ouvir (aliás, não convinha). Já que não querem humanizar minimamente as montanhas com vigias durante o Verão, ao menos façam a ordenamento do território. Ribeiro Telles e tantos outros bem têm

alertado para esta urgência, mas, igualmente, os governantes nada têm feito. Arranjam sempre desculpas de vária ordem, quando a única razão para que isso ainda não tenha sido feito é não só porque dá imenso trabalho, como também porque daria muitos problemas com os proprietários rurais. Além disso, os resultados de um trabalho desses não são imediatos, o que é mau para “angariação” de votos nas eleições seguintes.

Enquanto não se reorganizarem convenientemente (com profissionais e tecnologia adequada) os Serviços Florestais e não se efetuar o devido ordenamento do território, vamos continuar a ter “piroverões”, noticiados de modo inqualificável pelas televisões, por continuarmos a ter governantes incapazes, que não estão para ter trabalho e aborrecimentos.

Assim, a consequência final será realmente a desertificação, com as nossas montanhas cobertas de rocha nua, pois sem vegetação o solo é completamente arrastado pelas águas pluviais.

Artigo originalmente publicado no jornal *Público* em 2013.

JORGE PAIVA. Angola (1933). Licenciado em Biologia e doutorado em Recursos Naturais e Meio Ambiente, já aposentado, foi investigador principal na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, onde lecionou algumas disciplinas; foi também professor convidado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, e nas Universidades de Aveiro, da Madeira, Vasco da Gama (Coimbra) e Vigo (Espanha). A sua atividade científica e em defesa do meio ambiente foi já distinguida com vários prémios. Publicou trabalhos sobre filotaxonomia, palinologia, biodiversidade e ambiente. Apresentou variadas comunicações e proferiu diversas conferências em congressos e ações pedagógicas.

2017 Malhar em ferro frio

Sem termos varinha de condão nem soluções miraculosas, podemos no entanto aferir facilmente, que tudo o que se encontra ao abandono se degrada. Ao tirar às populações do interior os meios sociais e económicos de sobrevivência, porque a sua atividade deixou de ser rendível na ótica capitalista, onde as pessoas são meros peões dos seus interesses, as aldeias morrem, a nossa cultura esvai-se o fogo apodera-se de tudo.

É uma evidência!

Qual a solução? Inverter as soluções políticas que se têm tomado até agora, e quanto mais tarde o fizermos mais difícil se tornarão.

Com os meios hoje à nossa disposição, não há terra que não dê pão para alimentar quem nela trabalha, desde que lhes sejam criadas condições para o semear e comercializar e que o esforço desse suor seja socialmente repartido, tudo isto sem demagogias nem paternalismos.

A solução é política e não só burocrática ou técnica, podem colocar um bombeiro atrás de cada eucalipto, gastar milhões em helicópteros, sem gente a viver dignamente nessas terras, não haverá solução HUMANA.



É claro que incêndios sempre houve embora não fossem mediatizados como hoje, o fascismo não autorizava notícias de desgraças, mas os acontecimentos chegavam até nós porque a população urbana tinha na sua quase totalidade raízes na província.

É possível ir ao início do século passado e saber qual a densidade populacional das zonas hoje mais flageladas pelos fogos, equacionar inclusive a diferença abismal dos meios de combate aos incêndios nessa época e os de agora, para nos apercebermos que se os fogos de então tivessem a dimensão dos de hoje, já não haveria mais nada para arder.

Extinto o vulcão preparam-se as bigornas para continuar a malhar em ferro frio, os *media* vão novamente explorar o filão, os cronistas tiram do baú escritos a que modificarão a data,

porque não terão nada de novo para nos dizer. Os fotógrafos farão belas fotografias – o belo horrível – é a sua profissão, e alguns repórteres da TV farão *selfies* com os cadáveres.

Mas... sempre, sempre atentos aos mercados onde diariamente é cremado em holocausto o nosso futuro.

em *As Palavras São Armas* (21.06.2017)

Foto - **Fogos florestais**. Cartoon de **António Jorge Gonçalves**. Publicado no *Inimigo Público* (23.06.12)

Habitar as periferias: uma prioridade do sindicato de hoje e de amanhã

Habitar as periferias. Foi com este desafio que o Papa Francisco concluiu o discurso que dirigiu aos delegados da Confederação Italiana dos Sindicatos dos Trabalhadores (CISL), na audiência de ontem, por ocasião da inauguração do respetivo XVIII Congresso Nacional que tinha por tema ***Pela pessoa, pelo trabalho.***

Como é sabido, é vastíssima a lista dos pronunciamentos deste Papa acerca do trabalho: o destaque que este deve merecer na sociedade, na economia, na cultura; os desafios que decorrem das transformações em curso; as implicações para a dignidade da pessoa humana e a sua realização bem como para o funcionamento harmonioso das sociedades.

Neste discurso, Francisco, dadas a audiência e a circunstância, começa por salientar o alcance do binómio pessoa-trabalho, tendo em mente o tema do Congresso:

(...) se pensamos e dizemos o trabalho sem a pessoa, o trabalho acaba se tornando algo desumano, que, esquecendo as pessoas, esquece e perde a si mesmo.

Mas, se pensamos a pessoa sem trabalho, dizemos algo parcial, incompleto, porque a pessoa se realiza em plenitude quando se torna trabalhador, trabalhadora; porque o indivíduo se faz pessoa quando se abre aos outros, à vida social, quando floresce no trabalho. A pessoa floresce no trabalho. O trabalho é a forma mais comum de cooperação que a humanidade gerou na sua história.

(...) É uma sociedade tola e míope aquela que obriga os idosos a trabalhar por muito tempo e obriga uma geração inteira de jovens a não trabalhar quando deveriam fazê-lo por eles e por todos.

(...) O trabalho é uma forma de amor civil, lembra.

Atento o contexto da alocação, uma assembleia de delegados sindicais, Francisco reconhece explicitamente o papel relevante do sindicato na economia e na sociedade, mas adverte para o risco de que, com o decurso do tempo, os sindicatos se colem aos partidos políticos, aos seus interesses e linguagens, enfraquecendo a sua vocação profética de denúncia das injustiças e de menor empenho na defesa dos mais desprotegidos. Lembra que, tal como os profetas bíblicos, a missão do sindicato é dar voz a quem não tem, tanto daqueles que estão dentro como dos excluídos do trabalho que são também os excluídos da democracia.

Em síntese: *O sindicato não desempenha a sua função essencial de inovação social se vigia apenas aqueles que estão dentro, se protege somente os direitos de quem já trabalha ou está aposentado.*

Reconhece o Papa que, por distintas razões, existe hoje alguma incompreensão acerca do papel do sindicato face à inovação, à sustentabilidade do desenvolvimento ou à coesão social e denuncia que *o capitalismo do nosso tempo não compreende o valor do sindicato, porque esqueceu a natureza social da economia. Esse é um dos maiores pecados.*

A finalizar, Francisco deixa o desafio:

Habitar as periferias pode se tornar uma estratégia de ação, uma prioridade do sindicato de hoje e de amanhã. Não há uma boa sociedade sem um bom sindicato, e não há um sindicato bom que não renasça todos os dias nas periferias, que não transforme as pedras descartadas da economia em pedras angulares.

O texto na íntegra pode ler-se em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170628_delegati-cisl.html

In *A Areia dos Dias*, 29.06.2017

Pobreza: Papa apela a «nova visão» da sociedade e contrapõe «obras concretas» às «palavras vazias»



Sieger Köeder | D.R.

«O amor não admite álibis: quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres». Por isso, «benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança».

O papa evoca a primeira carta de S. João, «não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade», para frisar, na mensagem para o **primeiro DIA MUNDIAL DOS POBRES** [no dia 19 de novembro], que a advertência do apóstolo exprime «um imperativo de que nenhum cristão pode prescindir».

«A importância do mandamento de Jesus, transmitido pelo "discípulo amado" até aos nossos dias, aparece ainda mais acentuada ao contrapor as palavras vazias, que frequentemente se encontram na nossa boca, às obras concretas, as únicas capazes de medir verdadeiramente o que valemos», declara Francisco.

O documento, divulgado hoje, acentua que «a pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro» que resultam «da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada».

«Nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes sectores da sociedade no mundo inteiro», sublinha o papa.

É um cenário que não permite que cada cristão permaneça «inerte e, menos ainda, resignado», repetindo falhas do passado, quando as comunidades se

deixaram «contagiar pela mentalidade mundana», esquecendo a interrogação lançada por S. Tiago na Bíblia: De que aproveita, «que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé?».

À pobreza é preciso «responder com uma nova visão da vida e da sociedade»: «Se desejamos dar o nosso contributo eficaz para a mudança da história, gerando verdadeiro desenvolvimento, é necessário escutar o grito dos pobres e comprometermo-nos a erguê-los do seu estado de marginalização», alerta o papa.

O compromisso exige compaixão e ação, pelo que são «benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade». São também «benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem "se" nem "mas", nem "talvez": são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus».

Tudo começa no Corpo de Cristo «repartido na sagrada liturgia» que se deixa «encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis».

Francisco insiste na união intrínseca entre a Eucaristia e a inquietação por todas as pobreza: «Continuam a ressoar de grande atualidade estas palavras do santo bispo Crisóstomo: "Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez"».

Erradicar a pobreza que anula a dignidade humana é uma obrigação, cultivá-la enquanto virtude e seguimento de Cristo é um dever, porque ela «significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência» que cria «a ilusão de ser imortal».

«A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça», acentua Francisco.

Assim entendida, «a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos», aponta.

O primeiro DIA MUNDIAL DOS POBRES assinala-se, este ano, a 19 de novembro [Tempo Comum 32].